

032

LÍRICA E IRONIA EM DRUMMOND. *Adriana Gonzaga Krebs, Ingrid Costa; Antônio Sanseverino, Orientador.* (Fac. de Educação, Ciências e Letras – Ritter dos Reis)

A ironia de Drummond destrói o velho, o caduco, em oposição ao novo, ao moderno. Drummond, poeta marcado pela consciência de si, apreendeu as angústias da modernidade do Séc. XX e as traduziu em versos. Versos fragmentados que podem representar a síntese impossível do homem moderno. A necessidade de apagar um mundo caduco vem carregada de tristeza e melancolia, ao mesmo tempo em que a inserção no processo de modernidade causa um estranhamento e uma desestruturação tanto do indivíduo como do espaço social. A constante oscilação entre velho e novo, individual e social, objetivo e subjetivo presente na obra de Drummond, cria uma tensão dual que dificulta a constituição do indivíduo e a construção de uma identidade brasileira. Ora pelo verso fragmentado; ora pela corrosão do sujeito; ora pela destruição do objeto; ora pelo jogo paradoxal; ora pelo aniquilamento da realidade, essa percepção da dualidade, apreendida pelo poeta e representada literariamente, está presente nas inquietações drummondianas que ainda afetam o leitor nos dias de hoje. Para confrontar essas realidades, Drummond joga tanto com a máscara, quando se *esconde atrás dos óculos e do bigode*, quanto com o desdobramento de si. Algumas vezes projeta-se concretamente em dentaduras, mão suja, poeta, animal, inseto, e outras vezes cinde-se na forma discursiva através do diálogo com outro eu: *Vai, Carlos, ser gauche na vida!* (BIC/Ritter dos Reis)